ISSN: 2358-8829

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS DE REGÊNCIA NO ÂMBITO DO PROJETO LICENCIAR

Gabriel da Rocha e Silva[1]
Cleiciane Maria de Oliveira[2]
Isabella Maria Alves de Castro Moura[3]
Odaleia Alves da Costa[4]

INTRODUÇÃO

A formação inicial de professores envolve a articulação entre conhecimentos científicos, pedagógicos e práticos, sendo fundamental a aproximação entre os licenciandos e o contexto escolar. Essa vivência permite experimentar situações concretas da docência, como o planejamento e a ministração de aulas, a interação com os estudantes e o enfrentamento dos desafios cotidianos da instituição. No ensino de Ciências, essa experiência assume particular importância, pois exige a articulação do conhecimento científico aos processos de ensino e aprendizagem, considerando as características e necessidades de cada turma.

Nesse contexto, as experiências de inserção na escola durante a graduação constituem importantes oportunidades para o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades relacionados à prática docente. Entre essas vivências, destaca-se a regência, compreendida como um momento de atuação direta em sala de aula, no qual o licenciando assume responsabilidades relacionadas ao planejamento, à organização dos conteúdos e à comunicação com os estudantes. Além de possibilitar a aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação, essa experiência pode contribuir para

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Maranhão, Campus Timon. rochagabriel@acad.ifma.edu.br
[2] Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, professora de Ciências na escola Luis Miguel Budaruiche. cleicianeoliveirabio@gmail.com
[3] Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Maranhão, Campus Timon. i.alves@acad.ifma.edu.br
[4] Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora do IFMA Campus Timon. odaleia@ifma.edu.br

o fortalecimento da segurança, o aprimoramento da oralidade e a construção da identidade profissional docente.

Como parte dessas iniciativas de aproximação entre formação acadêmica e realidade de sala de aula, destaca-se o projeto de ensino "LICENCIAR, LICENCIANDO: O EU E O OUTRO, NÓS NOS FORMANDO PROFESSORES DE CIÊNCIAS", desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), Campus Timon, com foco na formação inicial de licenciandos em Ciências Biológicas. O projeto teve como uma de suas finalidades promover a aproximação dos futuros professores com a realidade da Educação Básica, proporcionando experiências formativas no contexto escolar. Sua execução ocorreu ao longo de 18 meses, entre 25 de fevereiro de 2025 e 30 de junho de 2026, abrangendo três semestres letivos.

As atividades ocorreram na Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Miguel Budaruiche, da rede municipal de Timon (MA), e envolveram ações de ensino de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental. O desenvolvimento das atividades contou com o acompanhamento de uma coordenadora vinculada ao IFMA, uma supervisora da escola parceira e um professor supervisor responsável pela turma, que acompanhava os bolsistas durante as aulas, contribuindo para a orientação e o acompanhamento das práticas pedagógicas.

Participaram do projeto nove bolsistas graduandos em Ciências Biológicas, divididos em dois grupos. Seis atuaram no turno da manhã, com as turmas de 6º ano (A, B e C), e três atuaram com as turmas de 7º, 8º e 9º ano. Ao longo dos três semestres, os bolsistas observaram aulas de Ciências nas turmas de cada grupo, participaram de reuniões de planejamento e de conselhos de classe, acompanharam e executaram atividades das olimpíadas do conhecimento, foram a encontros de formação de professores de Ciências promovidos pela Secretaria Municipal de Educação de Timon e planejaram atividades para os estudantes.

No segundo semestre, os seis bolsistas do 6º ano fizeram regências nas turmas A, B e C. Cada um escolheu um conteúdo dentro do que estava planejado a ser ministrado pelo professor responsável pela turma, planejou a aula e a ministrou. Os temas foram células, sistema sensorial, sistema muscular, tipos de misturas e estações de tratamento de água. Além de ministrar a aula, os bolsistas estudaram e organizaram o

conteúdo, elaboraram o planejamento, escolheram as estratégias de ensino e prepararam a forma de apresentar o conhecimento científico aos estudantes.

Este trabalho objetivou analisar as experiências pedagógicas dos licenciandos em Ciências Biológicas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Miguel Budaruiche, no âmbito do Programa Licenciar, com foco no planejamento e na regência nos anos finais do Ensino Fundamental.

Os bolsistas relataram aprendizagens sobre planejamento, organização e apresentação do conteúdo, adequação da linguagem científica ao nível dos estudantes e adaptação ao que acontece em sala. Também houve ganhos de comunicação e oratória, sobretudo na perda do medo de falar diante de uma turma. Essas aprendizagens são visíveis em seminários, apresentações orais e trabalhos acadêmicos.

O contato direto com os estudantes mostrou aos bolsistas que o trabalho do professor exige, além do domínio do conteúdo, planejamento, comunicação, organização, interação e capacidade de adaptação. A experiência aproximou o que foi aprendido na licenciatura da realidade escolar e possibilitou aos participantes uma visão da docência como campo de atuação profissional.

METODOLOGIA

Este trabalho é um relato de experiência, de abordagem qualitativa e natureza descritiva. O relato de experiência é uma modalidade de produção de conhecimento que trata de vivências acadêmicas ou profissionais (Mussi; Flores; Almeida, 2021). A abordagem qualitativa foi adotada porque os dados são percepções e relatos dos participantes (Godoy, 1995).

O Projeto Licenciar foi um projeto de ensino do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), *Campus* Timon. Entre 25/02/2025 e 30/06/2026, nove bolsistas de Licenciatura em Ciências Biológicas atuaram na Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Miguel Budaruiche, em Timon (MA). Seis trabalharam pela manhã com as turmas de 6º ano (A, B e C) e três com as turmas de 7º, 8º e 9º ano.

Além das regências, o projeto incluiu observação de aulas de Ciências, reuniões de planejamento, conselhos de classe, atividades das olimpíadas do conhecimento e

encontros de formação de professores promovidos pela Secretaria Municipal de Educação de Timon.

Este estudo analisa o planejamento e a regência no segundo semestre de 2025, pelos seis bolsistas do 6º ano. Cada um dos seis escolheu um conteúdo de Ciências, levando em conta o que a escola estava trabalhando e o que cabia à turma: células, sistema urinário, sistema sensorial, sistema muscular, tipos de misturas e estações de tratamento de água. A ordem das regências seguiu a sequência dos conteúdos programáticos do 6º ano.

O planejamento veio antes das aulas. Cada bolsista estudou o tema, decidiu quais informações selecionar, em que ordem expor, quais recursos usar e que linguagem empregar para o nível da turma, e montou a sequência da aula. A preparação procurou evitar uma aula só expositiva e abrir espaço para a participação dos estudantes.

Cada bolsista deu três aulas, uma em cada turma do 6º ano, de dois horários de 50 minutos cada. As turmas tinham em média 40 estudantes. O professor responsável pela turma e a supervisora do projeto, da própria escola, observaram as aulas e deram um retorno ao final, com pontos positivos e negativos. Em sala, os bolsistas lidaram com a apresentação do conteúdo, a interação com os estudantes, o controle do tempo, a organização da turma e a adaptação da explicação conforme as respostas dos alunos.

As percepções dos bolsistas foram coletadas por meio de um formulário elaborado no Google Forms, disponibilizado aos nove participantes do projeto. O instrumento abordou diferentes aspectos da experiência no projeto Licenciar, contemplando as experiências com o projeto como um todo, e não exclusivamente as atividades de regência. Para este estudo, foram selecionadas as respostas dos seis bolsistas que desenvolveram atividades com turmas do 6º ano. Todos os participantes autorizaram, no próprio formulário, a divulgação de seus nomes, os quais foram mantidos na apresentação dos depoimentos utilizados nos resultados.

A análise dos dados possibilitou a identificação de categorias temáticas que emergiram dos próprios relatos, abrangendo: planejamento pedagógico; adequação da linguagem científica; gestão da turma; comunicação oral e receio de falar diante dos estudantes; compreensão das responsabilidades da docência; e repercussões das experiências em outras atividades da graduação, como seminários e apresentações.

Declaração de uso de Inteligência Artificial

Foi utilizada a ferramenta de Inteligência Artificial (Claude Ai) como recurso auxiliar na organização e sistematização dos dados coletados por meio do formulário Google Forms, especialmente no agrupamento das respostas dos participantes por categorias temáticas, conforme os objetivos da pesquisa. A ferramenta também auxiliou na estruturação e organização das informações para apresentação dos resultados. Ressalta-se que a interpretação dos dados, a análise crítica das respostas, a discussão dos resultados e a elaboração das considerações apresentadas no artigo foram de responsabilidade dos autores, que revisaram e validaram o conteúdo produzido, assumindo integral responsabilidade pelo trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

A experiência de estar à frente de uma sala de aula é um dos pontos principais para a articulação da teoria e prática. Machado e Costa (2023) a descrevem como o momento em que começa a responsabilidade de conduzir uma aula, e situam nesse convívio diário a descoberta da capacidade de se readaptar a situações inesperadas e de construir uma relação de respeito com os alunos (Machado; Costa, 2023). Os autores observam que o planejamento feito antes das aulas às vezes precisa mudar por causa de adversidades do contexto escolar (Machado; Costa, 2023). O relato deles, baseado em 20 horas de regência em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, conclui que o período permitiu compreender o funcionamento da escola e da sala de aula, além dos processos de ensino, planejamento, interação e diálogo com os estudantes (Machado; Costa, 2023).

A regência também tem limites. Andrade, Andrade e Sousa (2025) relatam uma regência em uma turma de 6º ano de escola pública de Minas Gerais, feita no estágio de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Lavras. A aula experimental sobre separação de materiais foi avaliada como positiva, pela valorização da experimentação e da participação dos estudantes. Segundo os autores, a falta de oportunidade para planejar, executar e avaliar uma sequência didática mais extensa, e a impossibilidade de conviver mais com a dinâmica institucional e com os projetos da escola, restringiram a experiência.

As dificuldades da regência aparecem em outros levantamentos. Silva e Moura (2024) aplicaram questionários a 20 licenciandos em Ciências Biológicas de uma universidade pública do Ceará. Os participantes apontaram, entre os desafios da observação e da regência, a baixa participação dos alunos, o número limitado de aulas e o controle da sala (Silva; Moura, 2024). Os autores também situam a regência como a etapa em que o estagiário assume a responsabilidade de conduzir as aulas, o que exige habilidades pedagógicas, planejamento e interação com os alunos (Silva; Moura, 2024).

O planejamento da regência também foi objeto de pesquisa na Biologia. Zancul e Viveiro (2012) investigaram o planejamento de regência feito no Laboratório de Ensino de Ciências por licenciandos em Ciências Biológicas, que o perceberam como espaço colaborativo, com melhoria da prática e acesso a materiais variados para as aulas. As autoras concluem que a atividade fez do estágio um espaço de reflexão sobre a construção e o fortalecimento da identidade docente.

O efeito dessas experiências sobre a decisão de seguir a docência não é uniforme. Moraes, Guzzi e Sá (2019) analisaram narrativas de seis licenciandos em Ciências Biológicas de uma universidade pública da Bahia sobre a influência do estágio supervisionado e do PIBID na motivação pela docência. Os quatro participantes que passaram pelo PIBID o apontaram como motivador. Sobre o estágio, três dos seis relataram desmotivação, e nos relatos aparecem problemas de relacionamento com alunos e com o professor regente, indisciplina, tempo insuficiente e falta de autonomia. Uma das participantes disse que o PIBID a deixou mais desinibida diante de uma turma e que, por isso, chegou aos estágios sem tanto medo. As autoras ressalvam que os resultados vêm das experiências desses seis licenciandos e não permitem generalização.

A relação entre esses espaços e a identidade profissional aparece em outros trabalhos. Machado e Costa (2023) tratam o estágio como o momento em que o futuro docente amplia a construção da identidade profissional. Silva e Silva (2026) fizeram uma revisão sistemática de 38 artigos brasileiros sobre identidade profissional docente na licenciatura em Ciências Biológicas, publicados de 2013 a 2023. Eles encontraram que a identidade é entendida como processo contínuo, multidimensional e situado, que o estágio supervisionado e o PIBID se destacaram como espaços dessa constituição e que a tensão entre a formação do biólogo e a do professor atravessa os estudos.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As regências durante o Projeto Licenciar levaram os bolsistas por várias etapas do trabalho docente, da preparação das aulas à atuação diante dos estudantes. Cada um dos seis bolsistas deu o seu conteúdo nas três turmas de 6º ano (A, B e C), com média de 40 estudantes por turma e dois horários de 50 minutos por aula. Os conteúdos foram células, sistema urinário, sistema sensorial, sistema muscular, tipos de misturas e estações de tratamento de água.

Durante a aula sobre células, os estudantes utilizaram um recurso digital interativo, disponibilizado pelo site *Learn.Genetics*[5], da Universidade de Utah, que possibilitou a visualização comparativa das dimensões reais das células e de outros organismos microscópicos. Além disso, foram disponibilizadas lâminas e lamínulas para que os alunos pudessem conhecer e manusear materiais comumente utilizados em estudos de citologia e em observações microscópicas, aproximando-os de instrumentos e procedimentos característicos das práticas científicas. Na aula sobre sistema urinário, um modelo didático do sistema urinário. Durante a aula sobre tipos de misturas, os estudantes participaram de atividades práticas de separação de misturas, realizadas em sala de aula com o auxílio de materiais simples e alternativos, como areia, água, pedras, folhas e objetos metálicos. A atividade teve como objetivo demonstrar, de maneira prática e contextualizada, diferentes métodos de separação de misturas. Na aula sobre estações de tratamento de água, as turmas visitaram antes das aulas a Estação de Tratamento de Água de Teresina o que uniu teoria e prática. As aulas de sistema sensorial e de sistema muscular usaram apenas os slides.

O planejamento ocupou boa parte do trabalho. Os bolsistas estudaram os conteúdos, selecionaram as informações a trabalhar em sala de aula, organizaram a sequência da aula e escolheram estratégias para a faixa etária da turma. Para Gabriel Rocha, esse processo, “desde estudar o conteúdo, planejar a aula e elaborar o plano de aula até estar diante dos alunos”, foi uma experiência “extremamente prazerosa e significativa”, e Rikelme Paiva aponta como experiência mais marcante do projeto “conseguir planejar e ministrar conteúdos de ciências”. Zancul e Viveiro (2012) chegaram a um achado próximo ao investigar o planejamento de regência com

[5] https://learn.genetics.utah.edu/

licenciandos em Ciências Biológicas, que o perceberam como espaço de melhoria da prática e de reflexão sobre a construção da identidade docente.

Como cada aula foi dada em três turmas, o planejamento precisou ser ajustado de uma turma para outra. Thais Wendy lista entre os desafios “lidar com diferentes formas de aprendizagem dos alunos”. Em sala, os licenciandos lidaram também com o controle do tempo, a organização da turma e as dúvidas dos estudantes. Isabella Maria cita “o comportamento de alguns alunos, a dificuldade em manter o silêncio, concentração durante as atividades e a realidade de salas de aula superlotadas”, e Rikelme relata “medo de não conseguir voltar a atenção da turma” para o conteúdo que ministrou. Silva e Moura (2024) registram o controle da sala entre as dificuldades de licenciandos em Ciências Biológicas na regência, e Machado e Costa (2023) observam que o planejamento prévio às vezes precisa mudar diante de adversidades do contexto escolar. Os bolsistas do Licenciar passaram por situação parecida. Isabella diz: “Nem sempre o que é planejado acontece exatamente como imaginamos”, e completa que o professor “precisa ter flexibilidade para modificar sua abordagem”. Machado e Costa (2023) situam nesse convívio diário a descoberta da capacidade de se readaptar a situações inesperadas, o que coincide com o que os bolsistas relatam.

Isabella cita “modelos, recursos visuais, atividades práticas e jogos” como estratégias para alcançar a turma e afirma que “quando o aluno participa de uma atividade diferente, sua atenção e seu interesse podem mudar significativamente”. Os recursos usados nas regências, como o modelo de bexiga, as lâminas e as práticas de separação de misturas, são do mesmo tipo.

A comunicação oral também mudou, segundo os bolsistas. Gabriel resume: “Aprendi a me comunicar melhor, a falar em público sem o mesmo receio de antes”. Isabella situa o ponto de partida na “insegurança e timidez para ministrar aulas e participar de forma mais ativa dos projetos desenvolvidos na escola, especialmente quando precisei atuar como orientadora dos alunos.” e conta que, com o tempo, ganhou confiança. Maria Eduarda Ferreira cita que aprendeu “a lidar com os desafios em sala de aula, o controle de voz e a didática necessária para ministrar aulas para crianças”. Moraes, Guzzi e Sá (2019) registram algo próximo: uma participante disse que o PIBID a deixou mais desinibida para desenvolver atividades diante de uma turma e que, por isso, chegou aos estágios sem tanto medo. Nos dois casos, o efeito é uma percepção dos licenciandos.

O contato direto com a sala mostrou que a docência envolve planejamento, comunicação, adaptação, interação com os estudantes e decisões em situações variadas. Isabella conclui que ser professor exige “saber observar a turma, identificar suas necessidades e adaptar a forma de ensinar”. Thais destaca “a importância de adaptar o ensino às necessidades dos alunos e como lidar com diferentes realidades na sala de aula”. E Guilherme Silva diz ter aprendido “muito mais sobre a postura e organização da sala de aula”. Silva e Moura (2024) descrevem a regência nesses termos, como a etapa em que o estagiário assume a condução das aulas e precisa de habilidades pedagógicas, planejamento e interação com os alunos. Explicar células, sistemas do corpo humano, misturas e tratamento de água exigiu formas de tornar os conceitos compreensíveis sem perder o rigor.

A regência permitiu aplicar o que foi estudado na licenciatura em ações pedagógicas concretas, e os bolsistas passaram a se sentir mais preparados diante de situações típicas da docência. Gabriel diz ter aprendido “a me sentir mais preparado e confiante para estar em uma sala de aula”, e Isabella afirma que o projeto a ajudou “a compreender melhor que tipo de professora que eu quero me tornar e que saio dessa experiência mais consciente dos desafios da profissão, mas também mais confiante para enfrentá-los”. Machado e Costa (2023) tratam o estágio como o momento em que o futuro docente amplia a construção da identidade profissional. Silva e Silva (2026) encontraram, em revisão de 38 artigos, que estágio e PIBID se destacam como espaços dessa construção e que a tensão entre a formação do biólogo e a do professor atravessa os estudos.

Os bolsistas relataram que a experiência reforçou o interesse pela licenciatura e pela docência. Gabriel identificou isso na aula de células que deu ao 6º ano: “Antes desse momento, eu ainda não tinha certeza de que queria seguir a carreira de professor, e a aula foi um verdadeiro divisor de águas”. Segundo ele, “ao final daquela aula, percebi que era exatamente aquilo que eu queria fazer”. Esse efeito não é uniforme na literatura. Em Moraes, Guzzi e Sá (2019), três dos seis licenciandos relataram desmotivação no estágio, enquanto os quatro que passaram pelo PIBID o apontaram como motivador. As autoras ligam o bom desempenho do PIBID à presença de um supervisor e ao maior tempo na escola. O Licenciar teve uma coordenadora e supervisora e 18 meses de duração, condições próximas às descritas por elas, o que pode ajudar a explicar o relato dos bolsistas.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção dos licenciandos na escola, no Projeto Licenciar, mostrou o que a regência traz para a formação inicial de professores de Ciências. Os bolsistas viveram etapas concretas da prática docente, do planejamento e da organização dos conteúdos até a condução das aulas e a interação com os estudantes. Isso aproximou o que aprenderam na Licenciatura em Ciências Biológicas das situações do cotidiano da Educação Básica.

O planejamento exigiu mais que domínio do conteúdo científico: os licenciandos tiveram de pensar nas estratégias de ensino, nos recursos e na linguagem adequada ao nível dos estudantes. A regência também desenvolveu comunicação, organização da aula, gestão da turma e capacidade de adaptação ao que acontecia em sala. A comunicação oral ganhou segurança. Perder o receio de falar diante dos estudantes deixou os bolsistas mais preparados para apresentações, seminários e outras atividades acadêmicas, ou seja, o efeito da regência foi além da aula em si.

O contato direto com a sala de aula deu aos bolsistas uma noção mais concreta das responsabilidades, das dificuldades e das possibilidades da profissão, e mudou a percepção que tinham do papel do professor no ensino e na aprendizagem. Para os participantes, a experiência também reafirmou o interesse pela licenciatura e pela atuação docente.

O Projeto Licenciar mostrou-se uma forma de ligar a formação acadêmica à realidade escolar, ao dar aos licenciandos a chance de observar, planejar, intervir e refletir sobre as próprias experiências pedagógicas. O caso analisado indica que vale ampliar a aproximação entre instituições formadoras e escolas da Educação Básica, para que a formação inicial leve em conta o que a docência de fato demanda.

Os resultados vêm das experiências de um grupo específico de bolsistas. Novas pesquisas podem incluir mais licenciandos, acompanhar os participantes depois da graduação ou investigar com mais sistematicidade os efeitos dessas vivências sobre a prática docente, a permanência na licenciatura e a construção da identidade profissional.

A regência no Projeto Licenciar funcionou como experiência formativa, e não como atividade isolada de ensino, com ganhos pedagógicos, comunicativos e

profissionais. Os futuros professores perceberam melhor a complexidade da docência e a necessidade de unir conhecimento acadêmico e prática na própria trajetória.

Palavras-chave: Formação inicial de professores; Ensino de Ciências; Regência de aulas; Projeto Licenciar; Identidade docente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. F.; ANDRADE, A. G. A.; SOUSA, J. C. de. Contribuições e limites do estágio supervisionado na formação docente em Ciências: análise de um relato de experiência. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática**, v. 9, n. 2, 2025. DOI: https://doi.org/10.48075/ReBECEM.2025.v.9.n.2.35678. Acesso em 18 de out. 2026.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57–63, mar./abr. 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 29 out. 2026.

MACHADO, A. M. de A.; COSTA, G. M. da. Estágio curricular supervisionado e a importância no processo de formação docente. **Revista Insignare Scientia**, v. 6, n. 2, p. 361-380, 2023. Disponível em: https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/download/13583/8852/. Acesso em: 18 out. 2026.

MORAES, C. B.; GUZZI, M. E. R. de; SÁ, L. P. Influência do estágio supervisionado e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na motivação de futuros professores de Biologia pela docência. **Ciência & Educação**, v. 25, n. 1, p. 235-253, 2019. https://doi.org/10.1590/1516-731320190010015. Acesso em 18 de out. 2026.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. DOI:ttps://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010.

SILVA, J. Q. da; SILVA, V. A. da. Revisão sistemática sobre a identidade profissional docente na licenciatura em Ciências Biológicas na produção científica brasileira (2013-2023). **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 31, n. 2, p. 347-380, 2026. DOI: https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci/2026v31n2p347. Acesso em 18 de out. 2026.

SILVA, V. T.; MOURA, A. R. M. Da universidade ao ambiente escolar: desafios de futuros professores de ciências biológicas. **Ensino & Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 731-743, 2024. DOI: https://doi.org/10.33871/23594381.2024.22.2.8935. Acesso em 18 de out. 2026.

ISSN: 2358-8829

ZANCUL, M. de S.; VIVEIRO, A. A. O laboratório de ensino de ciências como espaço privilegiado para o planejamento de regência nos estágios supervisionados. **Revista Electrónica de Investigación en Educación en Ciencias**, v. 7, n. 2, p. 22-29, 2012. DOI: https://doi.org/10.25053/redufor.v8.e11096. Acesso em 18 de out. 2026.